**A CONTROVÉRSIA DIGITAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM – REALIDADE DE MUITAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS EM MOÇAMBIQUE**

 Adérito Orlando Victorino Bernardo Conques

 adekonques@gmail.com

ESCOLA SUPERIOR TÉCNICA - ESTEC

**1. INTRODUÇÃO**

O presente ensaio que sustenta o tema *“ A controvérsia digital no processo de ensino e aprendizagem – realidade de muitas escolas secundárias em Moçambique”* visa reflectir de uma forma critica e passiva sobre os conflitos entre gerações no âmbito educacional entre **os nativos digitais e os imigrantes digitais**.

A crescente onda de globalização e profundas mudanças curriculares que tem vindo a ocorrer no campo da educação no nosso país a todos os níveis de ensino, está impactando seriamente o PEA, levando os seus intervenientes (Professores, Estudantes, Gestores, entre outros) a adoptarem novos métodos na mediação dos conteúdos, servindo-se da multimídia para alcançar seus objectivos primários que é de potenciar os jovens num sentido técnico profissional, em suma ensinando-os a saber fazer; uma das competências básicas no presente modelo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias e seu uso eficaz e orientado na aprendizagem constituí um grande desafio para a maioria de estudantes em nossos estabelecimentos de ensino, desde o primário ao universitário, devido a falta desses recursos em suas actividades diárias sendo que muitos dos estudantes aprendem a usa-los por pressão e na execução de tarefas que tem de apresentar para avaliação. Outro factor é devido as condições socioeconómicas das famílias de origem dos próprios estudantes nas zonas rurais, já para a realidade das zonas urbanas os professores que constituem a camada dos imigrantes digitais, devem estar a altura de conseguirem falar a mesma linguagem digital dos seus alunos pois estes por serem a maioria nativos digitais já dominam a linguagem dos computadores, vídeo games, redes sociais entre outras aplicações digitais.

**2. JUSTIFICATIVA**

A relevância prática a que se propõe fazer-se essa reflexão é o facto de saber que durante as minhas actividades de docência, tenho-me confrontado com inúmeros problemas nos meus estudantes no concernente ao uso das multimídias no campo educacional sobre tudo no uso de novas tecnologias, tais como uso de data shows, computadores, tablets e outros dispositivos eletrónicos.

Diante de tudo isso, chego a conclusão de que a formação anterior destes estudantes teve um défice formativo e remete-me a seguinte questão: “Uma vez que o ensino actual possui a disciplina de informática, porque é que esses estudantes ainda apresentam lacunas no uso das novas tecnologias de informação e comunicação?”.

A outra importância prática que esse ensaio visa refletir é o conflito desses dois grupos que utilizam as tecnologias digitais, e como o processo é mediado uma vez que quem ensina a usar essas ferramentas aos nativos digitais é alguém que pertence a camada dos imigrantes digitais. Como pode esse processo surtir frutos desejados pela sociedade em geral e académica em particular?

**3. QUADRO CONCEPTUAL**

Há quase 10 anos, Marc Prensky (2001) elaborou os conceitos de nativos e imigrantes digitais, descrevendo os estudantes que já começavam a mostrar sinais de mudanças de comportamento devido à era das novas Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC). Já naquela época,em que a Web 2.0 dava seus primeiros passos, Prensky enxergava uma nova geração, que pensa e se comporta diferente de seus pais e professores, e que tem uma nova forma de entender o mundo.

Essa geração, que nasceu na era digital, apreendeu o mundo de uma forma diferente. Eles dominam uma nova linguagem e até sua estrutura cerebral pode ser diferente, segundo o Dr. Bruce Perry da Baylor College of Medicine (PRENSKY, 2001).

Marc Prensky explicita uma diferença de gerações, mas os imigrantes e os nativos digitais não são necessariamente divididos por idade, e sim por seu contato com as novas tecnologias.

Assim, podemos entender que estudantes da mesma faixa etária, mas de classes sociais diferentes que tem acesso e fazem usos diferentes das novas tecnologias podem também se dividir em nativos e imigrantes, ou mesmo entre os nativos e os que ainda não foram incluídos na era digital.

Neste ensaio, no entanto, procuramos entender como lidar com essa geração conectada, e cada vez mais nativa, na sala de aula. E principalmente como usar os meios digitais nos processos de ensino-aprendizagem. Baseados na educação construtivista de Paulo Freire (1970), pensamos o uso das redes sociais como uma forma de aproximação entre os conteúdos ensinados e o repertório dos jovens discentes.

Acreditamos que o ambiente lúdico e intuito dos sites colaborativos pode ser um espaço eficiente para discussões e para uma horizontalização do processo, já que o ensino não se dá de um (professor) para muitos (alunos), e sim na interação de todos em um processo que incentiva a participação e a reflexão.

**Nativos e Imigrantes**

Para Prensky, os nativos são aqueles que nasceram e cresceram cercados pelas novas tecnologias: “Os alunos de hoje (...) passaram suas vidas inteiras cercados por e usando computadores, videogames, players de música, câmeras de vídeo e celulares, além de outros brinquedos e ferramentas da era digital” (PRENSKY, 2001, p. 1). Os nativos pensam e processam informações de uma forma diferente dos imigrantes, as diferentes experiências criaram neles diferentes interesses e diferentes formas de ver e entender o mundo.

Os imigrantes, os pais e professores de hoje, não nasceram na era digital. Eles aprenderam a lidar com ela, mas ainda conservam restrições. Prensky compara as restrições dos imigrantes e seu “pé no passado” ao sotaque de imigrantes que chegam a um novo país, mas de alguma forma querem manter suas raízes.

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer a Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo. As pessoas mais velhas se socializaram de uma forma diferente de seus filhos, e estão em processo de aprendizagem de uma nova língua. E uma língua aprendida mais tarde, os cientistas confirmam, vai para uma parte diferente do cérebro (PRENSKY, 2001, p.2)

Inicialmente, Prensky assume os mais jovens como os nativos e os mais velhos como imigrantes. Nessa perspectiva, em alguns anos os nativos já seriam maioria e assumiriam o papel de instrutores nos processos pedagógicos. No entanto, não se pode assumir que todo o jovem é nativo da era digital. Está claro que há uma tendência para que os mais jovens usem cada vez mais a tecnologia e tenham mais facilidade e agilidade para tanto.

**4. CONCLUSÕES**

Trabalhar nesse ensaio foi frutífero pois ajudou a entender melhor a distinção entre os nativos digitais e imigrantes digitais e ficou sublinhado que a idade do indivíduo não é razão pela qual pode-se determinar se tal individuo é nativo ou imigrante digital. Mas tudo depende do meio social em que o indivíduo está inserido.

Partindo dessa conclusão na nossa realidade moçambicana temos duas situações a acontecer: a primeira acontece nas escolas localizadas nas zonas urbanas onde o nível de conhecimento e uso das tecnologias digitais é mais comum entre os alunos e os professores garantindo a aprimoracão dos conteúdos leccionados, trabalhos de pesquisa, jogos interactivos entre outras possibilidades oferecidas pelas tecnologias digitais. Nesse meio urbano, tanto o nativo bem como o imigrante digital todos aprendem e se atualizam sobre as novas versões de dispositivos digitais que vão sendo divulgados pelas mídias e outros utentes. A segunda acontece nas escolas das zonas rurais onde os recursos deixam a desejar e é constrangedor para o professor e para o aluno, e vem outra problemática comum em muitas escolas até as das zonas urbanas que é o racio aluno por cada computador. Uma vez que em cada escola secundaria pode talvez ter uma só sala de informática para um grande número de alunos, tornando assim a formação desse aluno superficial e não motivador. Nesse ambiente rural o professor age como um nativo digital, mesmo não o sendo, pois, muitos alunos que vivem nesse meio tem pouco ou quase nenhum contacto com as tecnologias digitais de informação e comunicação; suas atividades se resumem apenas em impressões de trabalhos e copias.

**4.1. Recomendações**

As recomendações que se acham importantes nesse campo são as seguintes:

* Que a política educacional retomasse ou permitisse o uso de telefones celulares no ambiente escolar de forma sistemática e controlada;
* Que os professores das escolas secundárias em coordenação com a direção pedagógica criassem grupos de manutenção e reparo dos equipamentos eletrônicas nas salas de informática para as escolas que possuem;
* Que os nativos digitais não se irritem com os imigrantes digitais, mas os cativem a aprenderem uns dos outros de modo construtivo a um futuro melhor.

**5. BIBLIOGRAFIA**

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Digital Natives, Digital Immigrants, Part II: Do They Really Think

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Marc Prensky:“O aluno virou o especialista“. Entrevista Revista

Differently?. MCB University Press, 2001.

Época (por Camila Guimarães). Editora Globo, 2010. Disponível em: <www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI153918-15224,00-

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido.São Paulo: Paz e Terra, 1970.

GIL, Felipe. G. Generacíon Transmedia. ZEMOS 98, Sevilla, 2010. Disponível em: <

Horizonte, 2009, p.2-9.

JENKINS, Henry. Transmedia Generation. Confessions of a Aca-Fan – The official weblog of Henry Jenkins, 2010. Disponível em:<www.henryjenkins.org/2010/03/transmedia-gene

LISTA.html> Acesso em 11 Abril 2017.

MARC+PRENSKY+O+ALUNO+VIROU+O+ESPECIA

nativos e imigrantes digitais.Anais do III Encontro Nacional Sobre Hipertexto. Belo

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. MCB University Press, 2001.

ration.html> Acesso em 10 Abril 2017

SOUZA, Samuel Mercês; BORGES, Luzineide Miranda. As redes sociais virtuais, os

www.zemos98.org/simposio/spip.php?article142>. Acesso em 09 Abril 2017.